



FALLEN PRINCESSES: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA

FALLEN PRINCESSES: A SEMIOTIC ANALYSIS

Maria do Livramento da Silva DIAS¹
UFPI – Universidade Federal do Piauí
Francisco Wellington Borges GOMES²
UFPI – Universidade Federal do Piauí

RESUMO: A semiótica proposta por Charles Sanders Peirce, um modelo de análise utilizado por diferentes campos do conhecimento, defende que a linguagem organiza-se por meio de signos. De acordo com esse arcabouço teórico, a apreensão de significados se dá pela semiose, processo no qual interpretante, objeto e representamen estão encadeados em um ciclo cujas realizações repousam em categorias justapostas e distintas chamadas de primeiridade, secundidade e terceiridade. A semiótica peirciana é, portanto, a ciência da linguagem que busca desvendar os significados contidos em variados tipos de manifestações linguísticas, sejam elas imagéticas, sonoras, verbais, dentre outras. Neste trabalho, aplicamos as categorias propostas por Peirce (2010) na análise de uma fotografia do ensaio *Fallen Princesses*, produzido por Dina Goldstein (2013). Buscamos, após discussão teórica sobre os conceitos-chaves da semiótica peirciana, identificar os elementos da fotografia de acordo com as categorias propostas por Peirce, responsáveis pela construção dos significados da imagem.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica; Signo; Semiose; Fotografia.

ABSTRACT: The semiotics proposed by Charles Sanders Peirce, an analysis model used by different fields of knowledge, states that language organizes itself by means of signs. According to this theoretical background, the apprehension of meaning occurs through the Semiosis, a process in which interpretant, object and representamen are in chain in a cycle of adjacent and distinct categories called firstness, secondness and thirdness. Peircean semiotics is, therefore, the science of language that seeks to reveal the meaning carried by various types of linguistic manifestations, either imagetic, sonorous or verbal, amongst others. In this paper, we apply the categories proposed by Peirce (2010) in an analysis of a picture from the *Fallen Princesses* photographic essay, produced by Dina Goldstein (2013). We seek, after some theoretical discussion on the key concepts of Peircean Semiotics, to identify the elements in the picture that are responsible for the construction of meaning.

KEYWORDS: Semiotics; Sign; Semiosis; Photography.

Introdução

Diversos são os fatores que atualmente fazem com que as pessoas vivam uma avalanche de informação. A globalização, a web 2.0, o avanço tecnológico e a popularização de mídias eletrônicas e das redes sociais, dentre outros, influenciam na forma como percebemos e compreendemos a linguagem e o mundo que nos cerca. Essas informações nos

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí.

² Doutor em Linguística Aplicada e Professor Adjunto da Universidade Federal do Piauí.

Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa>

chegam por meio de diversas formas, desde textos verbais, músicas, imagens, textos audiovisuais etc. de modo que a todo momento construímos significados, normalmente nem nos damos conta de como esse processo ocorre em nossas mentes.

Na tentativa de entender como as múltiplas linguagens utilizadas pelo ser humano significam, várias ciências surgiram ao longo do século XX, dentre elas as ciências semióticas. Em uma de suas vertentes, elaborada pelo filósofo americano Charles Sanders Peirce (2010), a semiótica se dedica à análise da construção de sentido por meio de categorias tricotômicas. Santaella (1983, p.2), ao discutir o conceito de Semiótica tal como proposto por Peirce, nos diz que ela “é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno de produção de significação e de sentido”, buscando descrever e analisar a sua constituição como linguagem.

O propósito deste trabalho é apresentar os princípios básicos da semiótica peirciana e, em seguida, aplicá-los à análise de uma fotografia do ensaio *Fallen Princesses*, da artista canadense Dina Goldstein (2013). Para Chamarelli Filho (2005, *apud* Belline e Muceli, 2013, p.1), “a fotografia é um método de se observar uma realidade reagindo fabular e reflexivamente na mente do observador, espaço perceptivo de uma realidade. Ela potencializa a generalidade das coisas que ocorrem e das leituras habituais dos fatos”. Dessa forma, consideramos a fotografia como uma forma de espelhamento das situações reais e propagadora de reflexão sobre a realidade.

Na tentativa de compreender o poder de significação que tem esse tipo de linguagem visual, exploraremos os processos semióticos imbricados na percepção desse signo pelo leitor. Para isso, buscamos analisar a fotografia sob as categorias de significação, objetivação e interpretação, primeiridade, secundidade e terceiridade, oferecidas pela semiótica peirciana.

1. A semiótica de Peirce

Charles Sanders Peirce (1839-1914) é o fundador da vertente norte-americana da semiótica. Ele dedicou-se a diversas áreas do conhecimento, desde a química, a geografia, a matemática, a literatura, a psicologia e especialmente a lógica, com a qual buscava estabelecer relações diretas com o estudo das diversas manifestações da linguagem humana. Segundo Coelho Neto (1999, p. 53), a semiótica geral lançada por Peirce visava propor a “concepção do pensamento como um processo de interpretação do signo com base numa relação triádica entre signo, objeto e interpretante”.

Ao definir signo, objeto e interpretante, Peirce nos diz que:

Um signo, ou *representamen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa um signo equivalente, ou talvez, um signo mais desenvolvido. Ao signo criado, denomino *interpretante* do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto*. Representa esse objeto não em todos os seus aspectos, mas com referência ao tipo de ideia que eu, por vezes, denominei *fundamento* ou *representamen*. (PEIRCE, *apud* SANTAELLA, 1995, p. 23).

Diante desta afirmação, podemos entender que signo (*representamen*) não é um objeto existente, ou uma ideia, ou um sentimento, ou uma possibilidade em si mesmo, mas algo que os representa. Na mente de quem o recebe, o signo será distinto daquele produzido pelo emissor, passando a se chamar de *interpretante*. Na linguagem visual, por exemplo, aquilo que é perceptível pela nossa visão é o signo (*representamen*), o *objeto* é aquilo que fora

Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa>

representado, mas que está ausente, e o *interpretante* é o efeito produzido na mente do intérprete, que se constitui, por sua vez, em outro signo.

Ao processo de inter-relação entre esses três elementos Peirce chamou Semiose. Esta não pode ocorrer aos pares e é definida por Santaella (2005) como um processo de significação infinita, uma vez que o signo está sempre fadado a gerar um novo signo no interpretante numa cadeia interminável. Nas palavras da autora:

O interpretante realiza o processo da representação, ao mesmo tempo em que herda do signo o vínculo da representação. Herdando esse vínculo, o interpretante gerará, por sua vez, um signo- interpretante que levará à frente, numa corrente sem fim, o processo de crescimento. (SANTAELLA, 1995, p. 44).

Por essa razão, a autora coloca a semiose como um processo de autogeração e salienta a incompletude do signo, por este sempre estar em falta com o objeto e por isso essa incessante busca em se completar num interpretante. Este também, por ser de natureza sógnica, estará em dívida com o objeto. Essa questão revela, então, que o objeto é a realidade por excelência e a sua manifestação se dá somente por meio de signos, ao mesmo tempo em que impulsiona a produção de novos signos.

Em sua teoria, Peirce tentou explicar a sucessão das sensações e interpretações que ocorrem na mente do observador. Para isso, apresentou noções essenciais nesse processo, como a concepção de consciência e de razão. Segundo Santaella (1983, p. 8), Peirce considera consciência “como um lago sem fundo no qual as ideias (partículas materiais da consciência) estão localizadas em diferentes profundidades e em permanente mobilidade. A razão (pensamento deliberado) é apenas a camada mais superficial da consciência”. A razão é autocontrolada pelos sujeitos, representa uma pequena parte da consciência e pode sofrer influências de interferências internas e externas.

Peirce, então, apresentou a ideia de que a apreensão dos fenômenos, eventos do mundo externo à mente, se dá por meio de categorias, que são “os modos como os fenômenos aparecem à consciência” (Idem, p.8). Essas categorias são chamadas de primeiridade, secundidade e terceiridade. A primeiridade é o momento inicial do contato com o signo, no qual há a sensibilidade das qualidades daquilo que nos é apresentado, são as sensações percebidas; a secundidade diz respeito à reação ao estímulo apresentado, “é marcada pela consciência dos estímulos que propiciaram as sensações” (TEIXEIRA *et al*, 2011, p. 105), enquanto a terceiridade compreende a categoria de mediação do signo com a realidade, a qual Santaella (1983, p.8) diz corresponder “à camada de inteligibilidade, ou pensamento em signos, através da qual representamos e interpretamos o mundo pelo reconhecimento de elementos da realidade externa”.

Belline e Muceli (2013, p. 64) explicam que na sucessão dessas categorias há a presença de filtros individuais e/ou culturais que têm peso no resultado final do processo. Eles relatam que “os filtros que interferem na percepção das coisas podem ser os valores, os hábitos, os interesses ou necessidades que agem nos momentos de primeiridade e secundidade, influenciando o julgamento perceptivo, último momento da percepção.” Com isso, percebemos como o meio social é de grande importância e definidor na percepção do signo.

Peirce elaborou dez tricotomias para a análise semiótica, entretanto nos deteremos neste trabalho somente a três delas, listadas no quadro abaixo (a significação, que estuda o signo por si mesmo, nas suas propriedades internas; a objetivação, que trata do signo em relação ao objeto que esse represente; e a interpretação, que envolve os efeitos despertados no

Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa>

receptor). Nele, podemos ver ainda a relação entre tais categorias e os níveis da percepção que o signo possui: primeiridade, secundidade e terceiridade:

CATEGORIAS	TRICOTOMIAS		
	SIGNIFICAÇÃO	OBJETIVAÇÃO	INTERPRETAÇÃO
	SIGNO EM SI	SIGNO COM O OBJETO	SIGNO COM SEU INTERPRETANTE
PRIMEIRIDADE	QUALI-SIGNO	ÍCONE	REMA
SECUNDIDADE	SIN-SIGNO	ÍNDICE	DICENTE
TERCEIRIDADE	LEGI-SIGNO	SÍMBOLO	ARGUMENTO

Quadro 1 – Categorias e tricotomias usadas na análise da fotografia

A primeira tricotomia diz respeito, segundo Santaella (2005, p.129), “ao modo de apresentação/apreensão próprio do signo”, sendo quali-signos as qualidades intrínsecas do signo, que determinam sua aparência, por exemplo. “O quali-signo funciona como signo por intermédio de uma primeira qualidade” (IDEM, p.130). O sin-signo refere-se ao evento que se configura como signo, “quando algum objeto ou evento é usado como uma pista para algum outro objeto ou evento passado, presente ou especialmente conectável, esta pista é sin-signo” (SAVAN,1976, *apud* SANTAELLA, p.133). O legi-signo é uma lei, convenção estabelecida pelos homens que atua como signo, por exemplo, os sistemas de escrita que necessitam de atualização por meio de leis.

Na segunda tricotomia temos o nível de objetivação no qual foca-se o objeto representado. O ícone é aquele que possui a propriedade de ser semelhante ao seu objeto. Para Peirce, o valor do ícone está na possibilidade de este exibir os caracteres de um estado das coisas consideradas como se elas fossem puramente imaginárias. Ele é importante para “demonstrar formas de síntese dos elementos do pensamento”. O índice, por sua vez, “é um signo que como tal funciona porque indica uma outra coisa com a qual ele está atualmente ligado” (SANTAELLA, 1983, p. 14), como uma fumaça que indica fogo. “Todo índice está habitado de ícones, de quali-signos que lhe são peculiares e que nele inerem (a secundidade pressupõe a primeiridade)” (IDEM, 1983, p. 14). Já o símbolo é um signo determinado por associações de ideias de uma determinada convenção que não guardam semelhança com a realidade. Peirce chama atenção para relação especial e sutil que há entre símbolo e índice ao afirmar que o símbolo precisa estar conectado ao seu objeto e que isso se dá através do índice. Por isso, afirma Santaella (2005, p. 174) que “a função do ingrediente indicial do símbolo é conectar o pensamento, o discurso, o signo geral a uma experiência particular”.

A tricotomia que expressa a relação do signo com seu interpretante é assim resumida por Cunha (2008, p.12):

O interpretante rema apresenta possibilidades qualitativas, resultante de associações, o dicente corresponde a hipóteses e suposições e o argumento decorre de uma relação mais simbólica e abstrata que depende em alto grau de um repertório prévio da interação do sujeito interpretador e de seu contexto.

As tricotomias discutidas acima são os aparatos que serviram de base para a análise semiótica da imagem fotográfica que se segue.

2. A queda da princesa na visão de Goldstein

A fotografia analisada é uma obra da artista canadense Dina Goldstein e faz parte do ensaio “Fallen Princesses”, no qual são retratadas, de forma irônica, princesas dos contos de fadas vivenciando problemas do mundo moderno. Nas palavras da fotógrafa:

Fallen Princesses coloca personagens de contos de fadas em cenários dos dias modernos. Em todas as imagens, a princesa é colocada em um ambiente que articula seu conflito. O “felizes para sempre” é substituído por um desfecho realista e se direciona a problemas atuais (GOLDSTEIN, 2013, tradução nossa).³

Para a análise, foi escolhida a primeira imagem da série, que retrata o que aconteceria à Branca de Neve na visão da autora.



Figura 1 – Branca de Neve em *Fallen Princesses*.

Fonte: <<http://www.fallenprincesses.com/>>

Aplicando a primeira tricotomia de Peirce, na qual se considera o signo em si mesmo, temos o quali-signo, o sin-signo e o legi-signo. A imagem em questão, um sin-signo, trata-se da composição de diversos quali-signos. Ela é formada por qualidades e propriedades que despertam, num primeiro instante, sensações de qualidade imediata. Percebe-se, logo à primeira vista, um conjunto de elementos justapostos, a presença de cores em diferentes tonalidades e materiais que sugerem diferentes texturas e tamanhos. Esse contato inicial com o signo marcado pela apreensão de suas qualidades compreende a categoria de primeiridade. Segundo Santaella (1983, p. 10), quali-signos:

Tratam-se de estados de disponibilidade, percepção cãndida, consciência esgarçada, desprendida e porosa, aberta ao mundo, sem lhe opor resistência,

³Fallen Princesses places Fairy Tale characters in modern day scenarios. In all of the images the Princess is placed in an environment that articulates her conflict. The “...happily ever after” is replaced with a realistic outcome and addresses current issues.

consciência passiva, sem eu, liberta dos policiamentos do autocontrole e de qualquer esforço de comparação, interpretação ou análise.

No processo de semiose, depois dessa fase de sensibilidades, partimos para a experiência de fato, onde as qualidades singularizam-se, passa-se da possibilidade de ser para o que já é. Reconhecemos, então, a coisa ou o evento. Percebemos que a imagem é ambientada num cômodo de uma casa, há a presença de uma mulher que segura duas crianças no colo, enquanto uma outra criança a cerca puxando o vestido, há também um cachorro na cena comendo algo esquecido no chão, um homem sentado numa poltrona e mais uma criança ao fundo, além de alguns móveis e objetos largados pelo cômodo. Os elementos acima citados são, pois, sin-signos por sua singularidade. Pode-se afirmar, então, que cada elemento descrito é um sin-signo, assim como a imagem como um todo também é um sin-signo, composto por conjuntos de qualidades perceptivas, ou quali-signos.

O arremate da percepção se dá com a mediação de nosso conhecimento social, através de associações com a realidade. Temos legi-signos, leis ou convenções sociais que são signos. Nosso conhecimento compartilhado de mundo nos permite inferir que o cômodo na qual a cena é retratada parece ser uma sala, pela presença de móveis comuns a esse cômodo da casa como a televisão e as poltronas. Os personagens da cena, uma mulher e um homem que aparentam a mesma idade e estão cercados de crianças, denunciam um casal com seus filhos pequenos. A casa aparenta que a família tem padrão financeiro de classe média baixa, porque mesmo demonstrando simplicidade no ambiente, eles parecem possuir o necessário. Poderíamos ainda acrescentar que a análise minuciosa das vestes do casal nos permite inferir que esses seriam os personagens Branca de Neve e Príncipe Encantado. Tal pensamento nos é oportunizado pela ação dos filtros culturais que nós guardamos em nossa memória discursiva, assim como pelo reconhecimento da caracterização desses personagens tão difundidos pela literatura infantil e pelas telas do cinema e da TV.

Percebemos, então, que a primeira tricotomia de Peirce está presente na imagem à medida que esta produz significados por meio da apresentação de qualidades inerentes (quali-signos), da representação de algo único (sin-signos) e da determinação de leis e convenções sócio-culturais (legi-signos), contemplando as categorias da Primeiridade, Secundidade e Terceiridade, respectivamente, que nas palavras de Santaella (1983, p.11) são as “camadas de inteligibilidade, ou pensamento em signos, através da qual representamos e interpretamos o mundo”.

Partindo para a segunda tricotomia, por meio da qual Peirce classifica os signos em ícone, índice e símbolo, ao tentar descrever a relação do signo com seu objeto, constatamos que a fotografia é uma forma de representação que busca a representação fiel dos objetos do mundo real. Essa ideia de representação verossímil da realidade é decorrência da grande presença de signos icônicos. Os elementos apresentados na cena em análise têm total semelhança com os objetos do mundo real que representam, induzindo o leitor a uma interpretação de veracidade da imagem.

Ao mesmo tempo em que nos indicam o que são por compartilharem características com objetos reais, as múltiplas conexões de significados que esses ícones podem expressar nos levam à presença de índices, ou seja, indícios, pistas que se aproximam numa relação efetiva e dinâmica de seu objeto. Por exemplo, as cadeiras na imagem são reconhecidas como tal não somente pelas suas características de semelhança, mas também pelo reconhecimento por parte do leitor de que elas são representações de objetos reais e não os objetos por si mesmos. Nesse ponto de vista, as fotografias são índices de momentos, eventos e lugares, uma vez que remetem o leitor a objetos (dinâmicos e imediatos) fora da imagem.

Da mesma forma, as faces expressas pelos personagens são índices de seus estados ou sentimentos: a mulher parece desmotivada e decepcionada com aquela situação, as crianças expressam desconforto, enquanto o homem denota ociosidade e impaciência. A posição dos objetos pela casa, a planta murcha no fundo e a comida espalhada pelo carpete denunciam falta de zelo e organização; as roupas amareladas das crianças demonstram displicência dos pais, bem como um furo nas calças do homem revela desleixo com sua aparência. A composição da imagem em sua totalidade também carrega significados decorrentes da percepção de índices, a cena retratada pode ser interpretada como uma representação de uma família desorganizada, sem cuidado com os filhos e com o ambiente físico familiar. Essa premissa só foi possível, porém, pela presença dos ícones que trouxeram consigo índices, daí o símbolo ser signos de natureza triádica, conforme Santaella (1983, p.15).

Além de motivada pela presença de ícones e índices, a interpretação da imagem tem por base as leis decorrentes de convenções sócio-culturais. Nesse caso, temos a presença de símbolos. A imagem em análise, por exemplo, pode simbolizar os problemas vividos pela família moderna, na qual ainda são delegados à mulher o papel de cuidar dos filhos e da casa.

Considerando a terceira tricotomia, que busca uma relação do signo com a imagem mental formada por meio da percepção do signo e da mediação social dos conhecimentos do leitor, percebemos as etapas do processo interpretativo em si. Inicialmente, a imagem é composta por remas, signos marcados pelas inúmeras possibilidades de interpretação. Para Coelho Neto (1999, p. 61), o rema “é um signo que para seu interpretante funciona como signo de uma possibilidade que pode ou não se verificar”. Assim sendo, as qualidades apresentadas pela fotografia oportunizam ao leitor a possibilidade de imaginá-la como algo que pode ser corporificado em alguma ocorrência ou entidade, como a representação de um objeto possivelmente existente, pleno de sentido e passível de ser interpretado. O rema constitui-se pela elaboração de hipóteses interpretativas que serão ou não confirmadas à medida que os conhecimentos de mundo do leitor são acessados e reorganizados. Por exemplo, quando afirmamos que o casal da cena se parece com um casal de contos de fadas, temos uma hipótese interpretativa. Por estar ligado à percepção da imagem, que na teoria de Peirce ocorre antes de processos dedutivos e interpretativos, o rema está associado à primeiridade.

No nível da secundidade, os signos (discentes) caracterizam-se pela apuração de sua veracidade representativa. Na imagem analisada, após a percepção e levantamento de hipóteses interpretativas, temos suas confirmações ou negações pelo leitor, constituindo o ato interpretativo propriamente dito. Temos a imagem de seres de existência real com significados claramente definidos na mente do leitor.

Esses significados, por sua vez, somente são construídos após a mediação de signos sociais, os quais Peirce denominou argumentos. O argumento é o signo constituído pela força de lei que as convenções sociais e culturais têm na atribuição de sentidos do mundo. A interpretação dada à imagem tem suas bases em regras compartilhadas pelos atores envolvidos no ato comunicativo que guiam ao caminho da compreensão. A ação de concluir que a família retratada representa um casal fracassado perante a sociedade, por não saber administrar a vida doméstica e a criação dos filhos, está apoiada em padrões frutos das leis que regem a sociedade. Pelo caráter regulador do argumento, ele está intimamente associado à terceiridade, à mediação que leva à interpretação.

Considerações finais

Neste trabalho, buscamos descrever os processos de significação decorrentes da interpretação de uma das fotografias que constituem o ensaio *Fallen Princesses*, sob a ótica da semiótica de Charles Sanders Peirce. Inicialmente, discorreremos sobre algumas das categorias propostas por Peirce para mostrar a semiótica como uma ciência da linguagem voltada à análise das composições de sentido dos mais variados tipos de textos. Por meio da descrição das categorias de primeiridade, secundidade e terceiridade, assim como de três das tricotomias propostas pelo autor, buscamos mergulhar na complexidade dos mecanismos de significação do texto visual.

Durante a análise da imagem, buscamos mostrar que a semiótica peirceana constitui-se em um conjunto teórico capaz de fornecer instrumentos valiosos para a interpretação do mundo ao nosso redor à medida que a identificação das tricotomias peirceanas subsidia diferentes olhares sobre a mesma fotografia.

Ao final deste trabalho, discutimos como o estudo das múltiplas manifestações da linguagem, além da linguagem visual, pode se beneficiar da aplicação das categorias de análise estabelecidas na teoria semiótica construída por Peirce e seus seguidores.

REFERÊNCIAS

- BELLINI, L. A.; MUCELIN, C. A. **Semiótica, semiose e signo: análise sógnica de uma imagem fotográfica com base em tricotomias de C. S. Peirce**. Koan: Revista de Educação e Complexidade, n. 1, jan. 2013.
- COELHO NETO, J. T. **Semiótica, informação e comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- CUNHA, M. L. G. **Uma análise semiótica aplicada ao anúncio da Associação Desportiva para Deficientes**. Revista Anagrama – Revista Interdisciplinar da Graduação, ano 1, 3. ed., mar/mai, 2008.
- GOLDSTEIN, D. **Fallen Princesses**. Disponível em: <<http://www.fallenprincesses.com/>>. Acesso em: 14 set. 13.
- PEIRCE, C. S. **Semiótica**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- SANTAELLA, L. **O que é semiótica?** São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SANTAELLA, L. **A teoria geral dos signos: semiose e autogeração**. São Paulo: Ática, 1995.
- TEIXEIRA, J. M.; MATOS, L. M.; PERASSI, R. **Análise semiótica da imagem de uma cadeira**. Estudos Semióticos. [on-line] Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>> Acesso em: 30 jul. 2013.

Recebido em: 15/09/13
Aprovado em: 11/12/13